

DON WINSLOW

O INVERNO DE
FRANK MACHINE

Tradução de Maria João Delgado

1

Dá muito trabalho ser eu.

É o que Frank Machianno pensa quando o alarme soa às três e quarenta e cinco da manhã. Salta da cama sentindo o chão de madeira frio debaixo dos pés.

Tem razão.

Dá *mesmo* muito trabalho ser ele.

Frank pisa o chão de madeira que ele mesmo lixou e envernizou e mete-se no chuveiro. Só demora um minuto a tomar duche, o que é uma das razões por que mantém sempre o cabelo grisalho bem curto.

– É para não demorar a lavar – é o que diz a Donna quando ela se queixa.

Leva trinta segundos a secar-se; depois, enrola a toalha à volta da cintura (que, hoje em dia, tem mais uns centímetros, coisa que o irrita), faz a barba e lava os dentes. A caminho da cozinha passa pela sala de estar, onde pega no comando, carrega num botão e começa a ouvir-se *La Bohème*. Uma das coisas boas de se viver sozinho (talvez a única coisa boa de se viver sozinho, pensa Frank) é poder ouvir-se ópera às quatro da manhã sem incomodar ninguém. E a casa é sólida, com paredes grossas como é próprio das construções antigas, e portanto as árias matinais de Frank também não perturbam os vizinhos.

Frank tem duas assinaturas na San Diego Opera, e a Donna é simpática e finge que gosta de o acompanhar. Faz de conta, inclusive, que não o vê a chorar no fim da *Bohème*, quando Mimi morre.

Depois, entrando na cozinha, acompanha Victoria de los Angeles que canta:

*... ma quando vien lo sgelo,
il primo sole è mio
il primo bacio dell' aprile è mio!
Il primo sole è mio!...*¹

Frank adora a sua cozinha.

Foi ele quem colocou o mosaico, preto e branco, e montou as bancadas e os armários com a ajuda de um amigo carpinteiro. Encontrou o velho cepo de cortar carne num antiquário em Little Italy. Estava em mau estado quando o trouxe, seco e a começar a ficar com fendas, e passou meses a dar-lhe óleo para voltar a pô-lo como deve ser. Mas é assim que gosta dele, com falhas, arranhões e cicatrizes, «medalhas de honra», como lhes chama, de anos e anos de serviços fieis.

– Não percebes que as pessoas *usavam* estas coisas? – disse a Donna quando ela lhe perguntou por que razão não tinha comprado um novo, que nem sequer era caro. – Se te aproximares, até consegues sentir o cheiro no sítio onde costumavam cortar o alho.

– Estes italianos e as suas mãezinhas! – exclamara Donna.

– A minha mãe era uma boa cozinheira – replicara Frank –, mas o meu velho é que cozinhava *mesmo* bem. Foi ele que me ensinou.

Teve um excelente aluno, pensara Donna nessa altura. Podia achar-se muita coisa de Frank Machianno, como, por exemplo, que era um chato de morte, mas lá que cozinhava bem, cozinhava. Também sabia lidar com as mulheres, e talvez os dois atributos estivessem relacionados. Aliás, fora o próprio Frank que lhe aventara essa hipótese.

– Fazer amor é como fazer um bom molho – dissera-lhe ele uma noite, na ressaca do sexo.

– Frank, é melhor calares-te enquanto é tempo – retorquira ela.

¹ ... *mas quando chega o degelo / o primeiro sol é meu / o primeiro beijo de abril é meu! / o primeiro sol é meu!...* (N. do E.)

Mas ele não desistiu.

– Tens de fazer tudo lentamente, utilizar *apenas* a quantidade certa das especiarias mais adequadas, provar cada uma e, depois, *devagar*, aumentar a temperatura até começar a ferver.

O maior encanto de Frank Machianno, pensara ela, ali deitada ao seu lado, é poder comparar o nosso corpo a um molho *bolognese* e não o atirarmos da cama abaixo. Talvez fosse por ele se preocupar tanto. Ela ficava sentada no carro enquanto Frank corria a cidade, indo a cinco lojas para arranjar cinco ingredientes diferentes para o mesmo prato, se necessário fosse. («As *salsiccie* são melhores no Cristafaro, Donna»). No quarto, está igualmente atento aos pormenores e é capaz, digamos assim, de pôr o molho a ferver.

Esta manhã, como todas as manhãs, tira uns grãos de café *Kona* de um frasco selado e deita umas colheres num torrador de café que comprou num desses catálogos para *chefs* que está constantemente a receber pelo correio.

Donna passa a vida a dar-lhe cabo do juízo por causa dessa mania do café em grão.

– Arranja uma dessas máquinas automáticas com um temporizador – diz-lhe ela. – Assim, quando saísses do chuveiro, já estava pronto. Até podias dormir mais uns minutos.

– Mas não era tão bom.

– Dá muito trabalho seres tu – diz Donna.

Que posso eu dizer?, pensava Frank. Dá *mesmo*.

– Já alguma vez ouviste falar em «qualidade de vida»? – perguntava-lhe ele.

– Já, normalmente relacionado com os doentes terminais, e se devemos ou não desligar a máquina.

– Isto tem a ver com qualidade de vida – replicava Frank.

E tem, pensa ele nessa manhã, enquanto se delicia com o cheiro do grão de café torrado, e põe a água a ferver. A qualidade de vida tem a ver com as *pequenas* coisas, com fazê-las bem, de uma *maneira correta*. Tira uma frigideira pequena da prateleira por cima do cepo da carne e leva-a ao lume com uma camada fina de manteiga; quando esta começa a borbulhar, parte lá para dentro um ovo e, enquanto ele frita, corta um pãozinho de cebola ao meio. Depois,

retira com todo o cuidado o ovo com uma espátula de plástico (só plástico, o metal risca o revestimento antiaderente, algo de que, aparentemente, Donna parece nunca se lembrar e é por isso que não está autorizada a cozinhar na *cucina* de Frank), põe-no em cima de uma das metades, tapa-o com a outra e embrulha a sandes de ovo num guardanapo de pano para a manter quente.

É claro que a Donna anda sempre em cima dele por causa do dito ovo diário.

– É um *ovo* – diz-lhe ele –, não uma granada de mão.

– Tens sessenta e dois anos, Frank – responde-lhe ela. – Tens de ter cuidado com o teu colesterol.

– Não, descobriram que isso não é verdade em relação aos ovos – replica ele. – Foram injustamente acusados.

A filha de Frank, Jill, também o chateia por causa disso. Acabou os estudos prévios de Medicina na UCSD e, portanto, sabe tudo. Ele contra-argumenta:

– Ainda não és médica – diz-lhe. – Quando *acabares* o curso podes moer-me o juízo com os ovos.

A América!, considera Frank, o único país do mundo que tem medo da comida.

Quando a sandes de ovo fica pronta, os grãos de café já estão torrados. Tritura-os no moinho durante exatamente dez segundos, depois deita o café moído na máquina de êmbolo francesa, despeja-lhe em cima a água a ferver e deixa-o depositar durante os quatro minutos recomendados.

Minutos esses que não são desperdiçados.

Frank usa-os para se vestir.

– Não sei como é que uma criatura civilizada é capaz de se vestir em quatro minutos – comentava Donna.

É fácil, pensa Frank, especialmente quando se prepara a roupa na noite anterior e o destino é uma loja de isco. Assim, nessa manhã, veste roupa interior limpa, umas meias grossas de lã, uma camisa de flanela, uns *jeans* velhos, depois senta-se na cama e calça as botas de trabalho.

Quando volta à cozinha, o café já está pronto. Deita-o numa caneca termo e prova-o.

Frank adora aquele primeiro gole de café. Especialmente quando acabado de torrar e moer, e feito na hora.

Qualidade de vida.

As pequenas coisas, pensa ele, têm a sua importância.

Tapa a caneca termo e pousa-a em cima da bancada enquanto vai buscar a *sweatshirt* de capuz, pendurada num gancho de parede, e a veste; enfia um gorro de lã preta na cabeça e pega nas chaves do carro e na carteira que se encontram no local habitual.

Depois, pega no *Union-Tribune* da véspera, cujas palavras-cruzadas guardara. Costuma fazê-las ao fim da manhã, quando as vendas ficam mais paradas.

Volta a pegar no café, na sandes de ovo, desliga a aparelhagem e está pronto para sair.

É inverno em San Diego e está frio lá fora.

Bem, *relativamente* frio.

Não é o Wisconsin, nem o North Dakota, não está o tipo de frio penoso com o qual o motor não arranca e que faz a cara parecer que se vai rachar e cair aos pedaços, mas às quatro horas da manhã do mês de janeiro qualquer sítio no hemisfério norte está, no mínimo, frio. Especialmente, pensa Frank ao entrar na carrinha *Toyota*, quando se está no lado errado dos sessenta e, de manhã, o sangue demora um bocado a aquecer.

Mas Frank adora as primeiras horas da manhã. São as suas favoritas.

É a hora da calma, a única altura do seu dia atarefado que é realmente tranquila. Adora ver o sol a nascer sobre as colinas na parte oriental da cidade e ver o céu por cima do mar a ficar rosa e a água a mudar do negro para o cinzento.

Tudo isso, no entanto, só sucederá daí a um bocado.

Ainda está escuro.

Sintoniza uma estação AM local para ouvir a meteorologia.

Chuva e mais chuva.

Uma grande frente que se aproxima vinda do Pacífico Norte.

Ouve vagamente o noticiário. É o costume: mais quatro casas em

Oceanside que foram arrastadas por uma ravina abaixo, os revisores de contas do município que continuam sem saber se a cidade vai ou não entrar em bancarrota e os preços das casas, que voltaram a subir.

E depois há o escândalo da Câmara – a Operação G-Sting do FBI que resultou na acusação de quatro vereadores por terem aceitado subornos de proprietários de clubes de *striptease* para não anularem a portaria municipal que proibia «tocar» nos clubes. Dois agentes da polícia de costumes tinham recebido luvas para olharem para o outro lado.

Pois, algo que é e não é novidade, pensa Frank. Como San Diego é uma cidade portuária, o negócio do sexo sempre foi uma parte importante da economia. Subornar um vereador para um marinheiro poder ter uma *lap dance* é praticamente um dever cívico.

Mas a Frank é-lhe indiferente que o FBI queira perder tempo com *strippers*.

Há... quantos?... aí uns vinte anos que não põe os pés num clube de *strip*.

Frank volta a sintonizar a estação de música clássica, abre o guardanapo de pano em cima do colo e vai comendo a sandes de ovo enquanto desce para Ocean Beach. Gosta daquele toque de cebola do pão em contraste com o ovo e o acre do café.

Fora Herbie Goldstein, paz à sua alma, quem lhe pegara a mania do pão de cebola, num tempo em que Vegas ainda era Vegas e não uma Disney World com mesas de dados, e num tempo em que Herbie, com os seus cento e muitos quilos, era um improvável jogador e ainda mais improvável galã. Tinham passado uma noite a ver espetáculos e a percorrer os clubes com duas belas raparigas, quando, de manhã, Herbie lhe aparecera à frente. Decidiram ir tomar o pequeno-almoço e fora então que Herbie convencera Frank a experimentar um pão de cebola.

– Vá, seu *guinea*² – dissera-lhe Herbie –, alarga os teus horizontes.

Fora uma coisa boa que Herbie fizera por ele, porque Frank adora os seus pãezinhos de cebola, mas só quando os compra acabados de

² Tacanho. Alcinha ofensiva dos americanos de origem italiana. (*N. da T.*)

fazer naquela lojinha *gourmet kosher* em Hillcrest. Em todo o caso, a sandes de ovo no pãozinho de cebola é um dos momentos altos da sua rotina matinal.

– As pessoas normais *sentam-se* para tomar o pequeno-almoço – dizia-lhe Donna.

– Estou *sentado* – replicava Frank. – Sentado a guiar.

Como é que Jill lhe chama? Os miúdos hoje em dia pensam que inventaram o fazer mais do que uma coisa ao mesmo tempo (deviam ter tentado criar filhos no passado, antes das fraldas descartáveis, dos secadores de roupa e dos micro-ondas), e portanto inventaram uma palavra chique. É isso, «polivalência». Sou como os jovens, pensa Frank, sou polivalente.

2

O cais de Ocean Beach é o maior da Califórnia.

Um enorme T em betão e aço avançando pelo Oceano Pacífico, um eixo central de cerca de seiscentos metros que se subdivide em dois, um para norte e outro para sul, mais ou menos com a mesma extensão. Se quisermos percorrer todo o cais, teremos de fazer uma caminhada de cerca de dois quilómetros.

A loja de isco de Frank, a O.B. Bait and Tackle, fica mais ou menos a dois terços do braço norte, suficientemente afastada do Ocean Beach Pier Café para que o cheiro do isco não incomode quem lá vai comer e os turistas não incomodem os pescadores que frequentam a loja de Frank.

Na realidade, muitos dos seus clientes também vão regularmente ao OBP Café comer a *machaca* de ovos e a omeleta de lagosta. Aliás, Frank também lá vai, já que uma boa omeleta de lagosta (bom, *qualquer* omeleta de lagosta) é difícil de se encontrar. Portanto, se há uma ali perto, há que aproveitar.

Mas não às quatro e quinze da manhã, embora o OBP Café esteja permanentemente aberto. Frank acaba a sandes, estaciona a carrinha

e vai a pé para a loja. Podia ir de carro até lá (tem um livre-trânsito), mas, a não ser que tenha de transportar um equipamento ou algo do género, gosta de ir a pé. O mar àquela hora está espetacular, especialmente no inverno. Nessa manhã, a água reveste-se de uma tonalidade azul-acinzentada, pressagiando uma tempestade. Nesta altura do ano, é como uma grávida, reflete Frank: cheia, temperamental, impaciente. As ondas já batem contra os pilares de betão, provocando pequenas explosões de água branca debaixo do cais.

Frank gosta de pensar na longa viagem que as ondas fazem, começando perto do Japão e depois avançando revoltas ao longo de milhares de milhas do Pacífico Norte para depois rebentarem contra o cais.

Os surfistas hão de aparecer em força. Não os parasitas, os imitadores, os mirones; esses ficarão (e devem ficar) na praia, a olhar. Mas os autênticos, os destemidos, procurarão estas ondas. Grandes vagas ribombantes que hão de rebentar em todos os sítios e pontos de *surf*, cujos nomes mais parecem uma litania religiosa de um surfista: Boil, Rockslide, Lescums, Out Ta Sites, Bird Shit, Osprey, Pesky's. Em ambos os lados do cais de OB, o lado sul e o lado norte, depois ao longo da costa: Gage, Avalanche e Stubs.

Frank sente-se entusiasmado só de lembrar aqueles nomes.

Conhece-os a todos, são sítios sagrados na sua vida. E esses são apenas pontos de *surf* à volta do OB; se subirmos um pouco mais pela costa de San Diego, a litania continua, de norte para sul: Big Rock, Windansea, Rockpile, Hospital Point, Boomer Beach, Black's Beach, Seaside Reef, Suckouts, Swami's, D Street, Tamarack e Carlsbad.

Estes nomes são mágicos para qualquer surfista da zona. São mais do que nomes, cada um desses lugares guarda uma memória. Frank cresceu aqui, nos magníficos anos 60, quando a costa de San Diego era o paraíso, sem multidões, pouco desenvolvida, quando ainda não havia muitos surfistas e se conhecia praticamente todos os que iam para o mar.

Eram os verões intermináveis.

Cada dia parecia estender-se infinitamente, lembra Frank, olhando para uma onda que se aproxima e rebenta contra o cais.

Levantávamo-nos antes do amanhecer, como agora, e trabalhávamos no duro no atuneiro do velho. Voltávamos a meio da tarde e íamos ter com os amigos à praia. Surfávamos até escurecer, rindo e dizendo piadas no *lineup*³, a gozar uns com os outros, exibindo-nos para as pequenas que olhavam para nós na praia. Eram os dias das *longboards*, com tempo e espaço de sobra. Os dias de *hanging ten*⁴ e de *ho-dadding*⁵, e aqueles *riffs*⁶ da guitarra de Dick Dale e as canções dos Beach Boys que falavam de *nós*, que cantavam as *nossas vidas*, os nossos gloriosos dias de verão na praia.

Parávamos sempre a admirar o pôr do sol em conjunto. Nós e as raparigas tínhamos esse ritual, um reconhecimento comum de... quê... *encantamento*? Uns breves momentos de silêncio, respeitosos, observando o sol a desaparecer no horizonte, a água brilhando em tons laranja, rosa e vermelho, e achávamo-nos uns felizardos. Mesmo miúdos como então éramos, sabíamos que tínhamos uma enorme sorte por estar naquele lugar, naquele momento, e éramos suficientemente perspicazes para perceber que era melhor aproveitar tudo aquilo.

Então, quando o último raio vermelho de sol desaparecia no horizonte, começávamos todos a juntar lenha para fazer uma fogueira, cozinhávamos peixe, cachorros quentes, hambúrgueres, ou lá o que fosse, e comíamos à volta da fogueira. Então, havia alguém que puxava de uma guitarra e começava a cantar *Shop John B*, ou *Barbara Ann*, ou uma velha canção popular. Mais tarde, se tivéssemos sorte, afastávamo-nos da fogueira com uma manta e uma das raparigas e ficávamos ali na marmelada. A rapariga cheirava invariavelmente a água salgada e a protetor solar, e talvez nos deixasse enfiar a mão debaixo da parte de cima do biquíni, e não havia nada que se pudesse comparar áquilo. Podíamos ficar ali toda a noite debaixo da

³ Alinhamento dos surfistas na linha de formação das ondas. (*N. da T.*)

⁴ Manobra para *longboard* na qual o surfista tem os dois pés na prancha e os dez dedos fora do *nose* (parte da frente da prancha). (*N. do E.*)

⁵ Praticante frequente de *surf*, ou alguém que passa muito tempo na praia a conviver com surfistas. (*N. do E.*)

⁶ Progressão de acordes, intervalos ou notas musicais, que são repetidos no contexto de uma música, formando a sua base ou acompanhamento harmónico. (*N. do E.*)

manta, e depois acordávamos e corríamos até ao cais a tempo de apanhar o barco e chegar ao trabalho, para repetir tudo.

Naquela altura conseguíamos fazer isso – dormir umas horas, trabalhar, fazer *surf* à tarde, passar a noite na farra e esquecer tudo. Hoje em dia, já não; agora, é uma noite mal dormida e na manhã seguinte dói-nos o corpo todo.

Eram dias gloriosos, relembra Frank e, de repente, fica triste. Nostalgia, não é assim que lhe chamam?, pensa ele enquanto tenta afastar aquelas recordações e se encaminha para a loja, lembrando-se do verão num dia frio e húmido de inverno.

Pensávamos que esses verões nunca acabariam.

Nunca pensámos que havíamos de sentir o frio nos ossos.